

A LEI 10.639/03 NA EDUCAÇÃO INFANTIL: TRABALHANDO COM A DIVERSIDADE ÉTNICO RACIAL ATRAVÉS DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIA.

Letícia Felix Oliveira Leal – UEPB
Tâmara Monique Alves dos Santos – UEPB
Viviane de Almeida Silva – UEPB
Danuza Mirelle Trajano Leal – UEPB
Welba Felipe dos Santos – UEPB

INTRODUÇÃO

O presente artigo é resultado de um projeto pedagógico desenvolvido em uma Escola Particular cujo nome é Centro Educacional Arte e Vida localizada no distrito de São José da Mata na cidade de Campina Grande-PB. O projeto é destinado aos alunos do 3º ano do Ensino Fundamental. Esse projeto surgiu da necessidade de trabalhar a diversidade étnico-cultural brasileira na sala de aula, especificamente na Educação Infantil, assim como rege a Lei 10.639/03 que torna obrigatório nas escolas públicas e particulares do Brasil o ensino sobre História e Cultura AfroBrasileira.

Sabemos que a escola é um ambiente onde estão inseridos pessoas de diferentes etnias, classes sociais e culturas. Portanto, o recinto escolar apresenta uma pluralidade de culturas e nesse sentido se fez necessário a criação de documentos que norteie o trabalho do professor em sala de aula. E, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), veio trazer esse suporte teórico ao professor que se encontra imerso as infinitas pluralidades presentes em sala. O mesmo foi criado em 1997, pelo MEC (Ministério da Educação) propondo incorporar nas escolas Temas Transversais, dentre eles o tema Pluralidade Cultural, com a finalidade de conscientizar os alunos sobre as inúmeras diferenças existentes na sociedade. Portanto, é importante que a educação aconteça democraticamente, respeitando às diferenças.

Desta forma entendemos que a instituição escolar é um agente social, fundamental na eliminação da discriminação racial na sociedade. Então, seguindo os PCN's, Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, a Lei 10.639/03, trabalharemos o tema Preconceito Racial na escola de maneira Interdisciplinar através do conto, Menina bonita de laço de fita da Escritora Ana Maria Machado (2000).

O preconceito racial é uma discriminação que ocorre com pessoas de raça negra, de forma depreciativa e que causa grandes transtornos psicológicos na vida das pessoas atingidas.

De acordo com a Convenção Internacional sobre a Eliminação de todas as Formas de Discriminação Racial (CERD), o conceito de discriminação racial refere-se a (Artigo 1º):

(...) qualquer distinção, exclusão, restrição ou preferência baseada em raça, cor,¹ descendência ou origem nacional ou étnica que tem por objetivo ou efeito anular ou restringir o reconhecimento, gozo ou exercício, em igualdade de condições, de direitos humanos e liberdades fundamentais no domínio político econômico, social, cultural ou em qualquer outro domínio de sua vida. (BRASIL, p. 328).

Com isso, entendemos que qualquer situação de desvalorização do sujeito em detrimento a sua cor, retirando dele seus direitos já assegurados constitucionalmente é entendido como racismo, conforme documento anterior.

Temos conhecimento que todas as pessoas perante a Constituição Federal (1988), são iguais em relação a direitos e deveres, embora as raças diferenciam-se umas das outras através de suas características físicas, como: cor dos olhos, cabelos e pele.

A discriminação racial está presente na sociedade há anos, sendo fruto de um desenvolvimento histórico marcado pelo processo de exploração existente há mais de trezentos anos de escravidão, especificamente do século XVI até o final do século XIX.

A desigualdade da população afro-brasileira foi historicamente construída desde o Brasil Colônia e permaneceu por anos até a abolição da escravatura.

O escravo não era considerado um ser totalmente humano por nenhuma das instituições, inclusive pela igreja. As práticas culturais e religiosas, a visão de mundo desse conjunto humano foi sistematicamente desqualificada, apesar de sua integração ao modo de ser nacional, após mais de trezentos anos de convivência cultural, e sendo a sua força de trabalho responsável pelo desenvolvimento da economia.

A aparência física dos negros, exceto quando se tratava de servir sexualmente os senhores, foi associada à dos animais e esteticamente desagradável ou inferior. Seu corpo era para o trabalho e sua força utilizada como a dos animais. A participação nas artes, extremamente relevante, sobretudo no século XVIII, pouco ampliou os seus direitos, ou lhes assegurou o exercício da cidadania.

Com a implementação de algumas Leis em particular a 10.639/03 e posteriormente a Lei 11.645, esse cenário aos poucos pôde ser escrito de outra forma, com conjunturas diferenciadas e com afirmações contundentes para aqueles que por séculos foram relegados a condições subumanas. As Leis nos apresentam a seguinte afirmação:

A Lei 10639 e, posteriormente, a Lei 11645, que dá a mesma orientação quanto à temática indígena, não são apenas instrumentos de orientação para o combate à discriminação. São também Leis afirmativas, no sentido de que reconhecem a escola como lugar da formação de cidadãos e afirmam a relevância de a escola promover a necessária valorização das matrizes culturais que fizeram do Brasil o país rico, múltiplo e plural que somos. (BRASIL, 2009, P.05)

Por volta de 1930 surge o movimento negro que trava uma luta incessante no combate ao racismo, reivindicando a educação igualitária e democrática para todos, mas o reconhecimento dessa luta antirracista só aconteceu em 2003 com o surgimento da Lei 10.639/03 que altera a Lei de Diretrizes e Bases que passa a conter os seguintes artigos:

Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira.

§ 1º O conteúdo programático a que se refere o caput deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas sociais, econômica e política pertinentes à História do Brasil.

Nesta perspectiva, surgiram em 2004 as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana, para auxiliar os sistemas brasileiros de ensino e os educadores, nas questões referentes às propostas pedagógicas, norteando-os em suas reflexões e discussões acerca da temática, tendo como princípios: consciência política e histórica da diversidade; fortalecimento de identidade e de direitos e ações educativas de combate ao racismo e a discriminações.

Deste modo, a escola dentro da sociedade, tem o papel de combater o preconceito, preocupando-se em não reproduzir estereótipos que rotulem para desqualificar grupos raciais e étnicos, sendo um espaço democrático onde todos possam ser iguais tendo os mesmos direitos. Conforme apresenta as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil:

O reconhecimento, a valorização, o respeito e a interação das crianças com as histórias e as culturas africanas, afro-brasileiras, bem como o combate ao racismo e à discriminação. (BRASIL, 2010, p. 23)

O espaço institucional é fundamental, pois proporcionará discussões verticalizadas a respeito das diferenças presentes, favorecendo o reconhecimento e a valorização da contribuição africana, dando maior visibilidade aos seus conteúdos até então negados pela cultura dominante. Esse tipo de ação promoverá um conhecimento de si e do outro em prol da reconstrução das relações raciais desgastadas pelas diferenças ou divergências étnicas.

A literatura infantil contemporânea com seus textos lúdicos e reflexivos é um recurso indispensável para a construção da identidade étnico-racial e a interpretação da criança, de uma forma democrática, contribuindo para que as crianças aprendessem a lidar com problemas do cotidiano, aguçando o seu senso crítico, autonomia e participação ativa na sociedade.

Quando falamos sobre literatura, não estamos nos referindo a livros didáticos, de não ficção, onde se dá uma explicação objetiva. A literatura pela qual falamos se trata de “histórias, de ficção, onde se aborda um – ou vários problemas” (ABRAMOVICH, 2001, p.99). Com isso, a Literatura Infantil Contemporânea também informa às crianças, pois abordam assuntos da realidade - sobre relações étnico-raciais, familiares, separação, morte, crescimento pessoal, aflições, dúvidas - pelos quais as crianças podem estar passando ou interessadas em saber mais.

METODOLOGIA

O seguinte artigo adotará a metodologia de projetos. Adotamos procedimentos de ensino e aprendizagem: individualizantes, socializantes e sócio-individualizantes, conforme classificados por Haidt (2002). O projeto teve o prazo de duas semanas, ocorreu no mês de Agosto de 2014, duas vezes por semana, sempre às segundas e quartas feiras na Escola Municipal de Ensino Fundamental Machado de Assis,

localizada na cidade de Campina Grande – PB. Na turma do 3º ano do Ensino Fundamental, com 21 alunos.

Na primeira semana trabalhamos com a árvore genealógica da família onde todos os alunos previamente trouxeram fotografias de seus parentes mais próximos (pai, mãe, irmãos, avós paternos e maternos) então, construímos em um mural nossa árvore e nela pudemos observar as diversas características de cada parente.

Diante do exposto chegou a hora da leitura, a qual trabalhamos a capa e leitura do livro intitulado Menina bonita do laço de fita de Ana Maria Machado.



Figura: 1

Fonte: autor

MENINA BONITA DO LAÇO DE FITA

(Ana Maria Machado)

Era uma vez uma menina linda, linda.

Os olhos pareciam duas azeitonas pretas brilhantes, os cabelos enroladinhos e bem negros.

A pele era escura e lustrosa, que nem o pelo da pantera negra na chuva.

Ainda por cima, a mãe gostava de fazer trancinhas no cabelo dela e enfeitar com laços de fita coloridas.

Ela ficava parecendo uma princesa das terras da África, ou uma fada do Reino do Luar.

E, havia um coelho bem branquinho, com olhos vermelhos e focinho nervoso sempre tremelicando. O coelho achava a menina a pessoa mais linda que ele tinha visto na vida.

E pensava:

- Ah, quando eu casar quero ter uma filha pretinha e linda que nem ela...

Por isso, um dia ele foi até a casa da menina e perguntou:

- Menina bonita do laço de fita, qual é o teu segredo para ser tão pretinha?

A menina não sabia, mas inventou:

- Ah deve ser porque eu caí na tinta preta quando era pequenina...

O coelho saiu dali, procurou uma lata de tinta preta e tomou banho nela.

Ficou bem negro, todo contente. Mas aí veio uma chuva e lavou todo aquele pretume, ele ficou branco outra vez.

Então ele voltou lá na casa da menina e perguntou outra vez:

- Menina bonita do laço de fita, qual é o seu segredo para ser tão pretinha?

A menina não sabia, mas inventou:

- Ah, deve ser porque eu tomei muito café quando era pequenina.

O coelho saiu dali e tomou tanto café que perdeu o sono e passou a noite toda fazendo xixi.

Mas não ficou nada preto.

- Menina bonita do laço de fita, qual o teu segredo para ser tão pretinha?

A menina não sabia, mas inventou:

- Ah, deve ser porque eu comi muita jabuticaba quando era pequenina.

O coelho saiu dali e se empanturrou de jabuticaba até ficar pesadão, sem conseguir sair do lugar. O máximo que conseguiu foi fazer muito cocozinho preto e redondo feito jabuticaba. Mas não ficou nada preto.

Então ele voltou lá na casa da menina e perguntou outra vez:

- Menina bonita do laço de fita, qual é teu segredo pra ser tão pretinha?

A menina não sabia e... Já ia inventando outra coisa, uma história de feijoada, quando a mãe dela que era uma mulata linda e risonha, resolveu se meter e disse:

- Artes de uma avó preta que ela tinha...

Aí o coelho, que era bobinho, mas nem tanto, viu que a mãe da menina devia estar mesmo dizendo a verdade, porque a gente se parece sempre é com os pais, os tios, os avós e até

com os parentes tortos. E se ele queria ter uma filha pretinha e linda que nem a menina, tinha era que procurar uma coelha preta para casar.

Não precisou procurar muito. Logo encontrou uma coelhinha escura como a noite, que achava aquele coelho branco uma graça.

Foram namorando, casando e tiveram uma ninhada de filhotes, que coelho quando desanda a ter filhote não para mais! Tinha coelhos de todas as cores: branco, branco malhado de preto, preto malhado de branco e até uma coelha bem pretinha.

Já se sabe, afilhada da tal menina bonita que morava na casa ao lado.

E quando a coelhinha saía de laço colorido no pescoço sempre encontrava alguém que perguntava:

- Coelha bonita do laço de fita, qual é o teu segredo para ser tão pretinha?

E ela respondia: - Conselhos da mãe da minha madrinha...

A partir da socialização da imagem e da história trabalhada, cada aluno observa e analisa as fotografias do mural com intuito de perceber que as diferenças devem ser respeitadas independente da cor, idade ou sexo. Então, na segunda aula do projeto, ou seja, no segundo momento fui Trabalhando oralmente as características físicas da menina, associando às comparações do texto. Em seguida, realizamos a interpretação do livro fazendo os seguintes questionamentos: Qual era a cor da pele da menina? Parecia com o que? Quem se lembra? E o seu cabelo? O que sua mãe fazia nele? Seus olhos se pareciam com o que? Como era o coelho? O que ele descobriu? Qual a conclusão que o coelho chegou sobre a cor da pele da menina? Por que os filhotes do coelho nasceram um de cada cor?

E, deixando bem claro que cada um de nós tem suas características, oriundas de sua família. Sendo assim, somos únicos, diferentes, e isso torna cada um de nós especiais.

Na segunda semana realizamos várias atividades relacionadas à leitura do livro bem como análise da árvore genealógica individual de cada aluno, enfatizando a frase “Diferenças: não basta reconhecê-las é preciso valorizá-las”, com intuito de listar cada diferença percebida diante das fotografias.

Cada aluno em seu caderno de produção textual desenvolveu um breve texto expondo sua opinião sobre o texto lido e sobre nossa vivência com pessoas diferentes, já que elas, as crianças não são naturalmente preconceituosas. Elas aprendem a ser com os adultos. E partindo deste viés, desenvolvemos atividades de recorte e colagem, análise de características e associações de semelhanças. Com essas atividades encerramos nosso projeto com sentimento de dever cumprido.

ANÁLISES DOS RESULTADOS

Ao vivenciarmos essa proposta volta-se para a observação das diferenças enquanto características e abandonam-se preconceitos que ao longo do tempo da história serviam para a desvalorização dos atributos individuais, levando-se em consideração que é preciso educar o indivíduo para a convivência saudável no espaço em que está inserido. Ao propor este trabalho, busca-se a compreensão de como são construídas as relações sociais, iniciando no seio da família.

A importância disso consiste na quebra de preconceitos, inclusão social e promoção da equidade. Viabilizando a boa convivência dentro e fora da escola, principalmente a aceitação das diferenças que encontramos na sala de aula. Já que era perceptível a não aceitação das diferenças antes da aplicação deste projeto, alguns alunos não interagiam uns com os outros justamente pelas diferenças existentes: cor da pele e tipo de cabelo. Estas características serviam como barreiras no convívio escolar.

Diante disto, tornam-se necessário para um bom desenvolvimento sócio-afetivo as boas relações entre aluno-aluno, uma vez que, após trabalharmos este projeto percebemos o quão é importante enxergar um problema e solucioná-lo de forma eficaz, mesmo com algumas dificuldades, certamente encontramos uma maneira de emanar este “problema” que estava sufocando nossos alunos, principalmente o bom andamento das atividades em grupo desenvolvidas em sala.

CONCLUSÃO

Trabalhar a questão étnico-racial e cultural com crianças pequenas foi bastante prazerosa, pois trouxe resultados positivos, uma vez que elas passam a considerar as diferenças (não apenas as ligadas a cor da pele) como também algo presente dentro e fora da sala de aula .

A partir do que foi observado no decorrer do projeto percebe-se que a escola não pode perder tempo para iniciar discussões sobre questões de gênero e raça/etnia, pelo contrário deve haver uma inserção ativa desses conceitos, que previamente devem ser trabalhados de forma coerente, sempre viabilizando solucionar supostos problemas já detectados.

Percebemos que esta temática necessita ser estudada e analisada intensamente, cremos ser essencial uma nova atitude na formação docente, uma nova postura para a conscientização nossa e de nossos alunos, pois, diante do que foi vivenciado neste projeto podemos reafirmar propostas pedagógicas baseadas em uma educação reflexiva no que diz respeito à cultura afro brasileira.

Com intuito que busquemos uma conscientização e principalmente entendimento, portanto é de suma importância instigar nas crianças, a aceitação das identidades e a compreensão da diversidade e o respeito ao outro, só assim poderemos ter futuros cidadãos conscientes e adeptos a aceitação do outro com suas diferenças, defeitos e qualidades.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. Literatura infantil: gostosuras e bobices. São Paulo: Scipicione, 2001.

BRASIL. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana. Brasília: SECAD/ ME, Junho, 2004.

BRASIL. **Referencial Curricular para a educação infantil**/Ministério da educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. — Brasília: MEC/SEF, vol. 3, 1998.

Igualdade racial. **Políticas Sociais**: acompanhamento e análise, Brasília, n. 19, 2011b.

Disponível em:

http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/politicas_sociais/bps_19_cap08.pdf.

acessado em: 10/08/2014.

_____. Plano Nacional das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana. Brasília: SECAD/ SEPPIR, junho, 2009.